

## MUDANÇA NA PROGRAMAÇÃO DE LEITURA NAS ESCOLAS\*

Geraldina Porto Witter\*\*

A programação de leitura é, hoje, uma área fértil de pesquisa produzindo informações técnico-científicas, novas e ricas para propiciar mudanças quer no leitor, quer nos sistemas educacionais e institucionais diversos, como programação para indústrias, hospitais, bibliotecas, etc. No âmbito do sistema educacional, oferece condições para o pleno desenvolvimento do leitor, em todos os níveis, graças a uma aplicação precisa dos conhecimentos científicos. Todavia, as considerações aqui apresentadas aplicam-se substancialmente ao que ocorre em nível de ensino e de pesquisa em países mais avançados. No Brasil, raramente isso ocorre. Quando acontece são casos esparsos, envolvendo parte ou até mesmo uma escola, restringe-se a alguma série ou até mesmo a uma classe, sendo, por vezes, resultado do trabalho isolado de uns poucos pesquisadores.

A concepção técnico-científica de programa de leitura apresentada na obra aqui resenhada parece ser ignorada pela maioria dos que atuam nos meios educacionais brasileiros, nos vários níveis. Assim sendo, o texto aqui focado pode ser de grande utilidade para uma revisão crítica da precariedade com que o tema tem sido tratado na prática educacional e na pesquisa em leitura no Brasil. Além disso, é altamente sugestivo para os que atuam buscando respostas para os problemas de leitura e que estão cientes da necessidade de mudança.

(\*) SAMUELS, S. J. e PEARSON, P. D. **Changing School Reading Programs**. Newark, Delaware: International Reading Association, 1988, p. X + 228.

(\*\*) Profa. Pós-Graduação em Psicologia — PUCCAMP — USP.

A obra é prefaciada por Manning, o qual enuncia os três objetivos que a nortearam: os princípios de programação para a leitura, já amplamente estabelecidos e verificados; as bases informacionais disponíveis e a necessidade de levar os profissionais da área a superar a inércia, o medo e a tradição, rompendo os obstáculos à mudança educacional. Além disso, apresenta um prólogo da autoria de Samuels, apontando as dificuldades e necessidades de mudança.

O livro propriamente dito está dividido em duas partes. A primeira é composta por quatro capítulos que tratam dos princípios básicos; a segunda apresenta estudos de caso em que programas de mudança foram concretizados, sendo constituída por seis capítulos. Autores diferentes são responsáveis pelos vários capítulos.

Há uma perfeita integração entre os capítulos de primeira parte, uns complementando as informações dos outros. Samuels apresenta, de forma sintética porém precisa e clara, as características de uma programação exemplar para leitura. Focaliza os pressupostos, as necessidades de pessoal, as questões curriculares e as diferenças programáticas necessárias para atender a escolas de níveis sócio-econômicos distintos. Gallagher, Goudvis e Pearson dão uma perfeita continuidade à matéria, posto que tratam com propriedade os princípios da mudança organizacional, descrevem as estratégias viáveis para que isso ocorra, as mudanças específicas nos vários níveis da administração central à sala de aula, além de apontar conseqüências e limitações. A pesquisa é destacada como elemento básico para a tomada de decisão nos vários momentos da programação, dos objetivos à avaliação.

Meyer subsidia bem os capítulos anteriores, discutindo a questão da pesquisa durante a concretização do programa, apontando o que parece melhor funcionar para o êxito e a mudança. Conclui que as pesquisas têm mostrado que os responsáveis pela programação precisam decidir que querem que ocorram as mudanças. Diz que eles precisam reconhecer que, a despeito das opiniões e idéias que as pessoas têm, a mudança ocorre quando há um desenvolvimento dirigido. "Após os responsáveis fazerem suas escolhas, devem selecionar especialistas para atuarem junto às equipes docentes. Os

especialistas precisam trabalhar nas salas de aula de forma pragmática com os grupos escolhidos pelos responsáveis. Eles precisam ter suficiente proficiência para modelar os professores e para fazer observações cuidadosas, porque é o conjunto de demonstrações, observações e prática orientada que mais provavelmente trará mudança no ensino" (p.56-57).

O texto de Carmine completa a primeira parte de forma muito rica, indo além do que o título do capítulo poderia fazer supor. Realmente focaliza bem como superar as barreiras para que sejam alcançados níveis ótimos de realização mais ampla da escola, do sistema educacional, com suas implicações. Trata também dos agentes e do processo de mudança.

Os capítulos da segunda parte descrevem programas e reflexões de autores responsáveis por eles, usando um formato mais livre, compatível com o discurso para livro, do que o de relatório de pesquisa, mais adequado às revistas técnico-científicas. Com isto facilitou-se a leitura, mas perdeu-se em informações. Não apresenta uma programação concretizada no Hawaii, Califórnia, Henry e Funderburg descrevem aspectos do projeto READ, conduzido na Califórnia; Gaskin analisa aspectos de ajuda fornecida aos docentes de uma escola (Benchmark); Singer e Bean comparam três modelos de assistência ao docente; Santa descreve um trabalho dentro do enfoque de pesquisa colaborativa ou participante e Tierney e colaboradores apresentam um projeto realizado em colaboração (pesquisador-professor) — o Metcalf Project — efetivado em Illinois.

No epílogo, Pearson conclui que possivelmente o **como** e o **quê** fazer para mudança efetiva dos programas de leitura não tenham sido um objeto alcançado pelo livro. Realmente, neste aspecto ficou insuficiente a informação contida nos relatos de casos. Mas também é preciso concordar em que este é um livro que "pode servir para motivar e encorajar as tentativas de melhoria nos programas de leitura das escolas" (p. 228) e, mais do que isso, a pesquisa no setor. Essas mudanças requerem muito tempo e energia; precisam de uma liderança forte, baseada em um apoio contínuo, emanada mais

do conhecimento do que da autoridade; carecem mais de intercâmbio do que de uma estrutura de poder; são mais efetivas quando baseadas em claras regras de ajuda aos professores, diretamente em suas classes; requerem consenso na definição dos objetivos; precisam sustentar-se ao máximo no conhecimento disponível e ao mesmo tempo ampliá-lo e gerar novas informações e tecnologias.